

BIBLIOTHECA UTIL

HR
F17

IV

SOLUÇÕES POSITIVAS

DA

POLITICA BRAZILEIRA

(1ª SÉRIE)

PELO

Dr. Luiz Pereira Barreto

Livraria Popular

De Abilio A. S. Marques—Editor

SÃO PAULO

—
1880

Ficam reservados os direitos de
propriedade

*E' co-proprietario desta obra em Portugal
o sr. Ernesto Chardron, livraria Inter-
nacional, Porto.*

PREFACIO

O titulo que tomamos para esta série de artigos, que escrevemos para a *Provincia de São Paulo*, e que hoje reunimos em folheto para a colleção da BIBLIOTHECA UTIL, não é uma pretenciosa imitação: é simplesmente uma homenagem. Quizemos pagar a Theophilo Braga o immenso tributo de gratidão que lhe deve a geração que hoje surge nas letras do nosso paiz.

E' minha convicção que as nossas condições politicas e sóciaes não melhorarão em quanto não tiverem por ponto de partida uma modificação correspondente na situação de Portugal. O fio da historia não se rompe. Somos filhos de Portugal: a elle estamos presos por todos os laços indissolueis de uma lei natural. A fatalidade biologica e o determinismo sociologico dominam toda a nossa historia. E' em vão que procuraremos esquivar-nos á pressão do passado. Temos sido, somos e seremos portuguezes. E todas as vezes que a nossa litteratura procurou infringir a lei da descendencia, os seus esforços, com raras excepções, só redundaram em uma deploravel aberração do gosto, em uma offensa a todas as delicadas exigencias do sentimento da arte moderna.

E' da renovação intellectual, moral e social de Portugal que depende o progresso no Brazil.

Politicamente estamos separados. Mas, em historia, o ponto de vista da politica é secundario. A separação não suspendeu a lei secreta das affinidades; e a velha metropole, hoje como outr'ora, conserva a sanção suprema para todos os nossos passos.

Não ha n'isto motivo para nos vexarmos. Os milagres historicos não se renovam mais. E' do reflectido e pleno reconhecimento da nossa intima dependencia para com Portugal que poderão emanar as profundas reformas de que precisamos em todas as direcções.

O Portugal de hoje não é o Portugal de ha cincoenta annos atraz.

E, assim como herdamos todos os vicios e preconceitos dos nossos immediatos predecessores, devemos hoje, com calma e sangue frio, imitar o exemplo dos nossos irmãos d'além-mar, seguindo firmemente a senda que nos traçam.

Durante muito tempo, Portugal atardou-se na trilha da evolução por não se preoccupar com o movimento philosophico do norte e centro da Europa. Por nossa vez, temos commettido o mesmo erro, por não querermos vêr o movimento que nos deixa a perder de vista na marcha geral das nações. Estamos vivendo na persuasão de que nada temos mais que aprender com Portugal. N'essa candida persuasão, os nossos velhos politicos se concentram, sonhando paraizos perdidos;

io passo que a nossa mocidade se desfaz em um lyrismo vago e sentimental que a entrega desarmada ás ciladas de uma esphinge, cujo sopro paralyza espirito e coração.

Entretando, é nosso dever de patriotas confessar francamente que lá, do outro lado do Atlantico, n'essa mesma terra que nos serviu de embryogenico berço, existe hoje uma pleiade de homens cuja estatura não encontra entre nós paralelo. Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Felipe Simões, Guerra Junqueiro, G. de Vasconcellos, Eca de Queiroz, Anthero do Quental, Gomes Leal, Consiglieri Pedroso, Oliveira Martins, Luciano Cordeiro, Julio de Mattos, Adolpho Coelho, Horacio Ferrari, Alexandre da Conceição, Teixeira Bastos, Candido de Pinho, Ernesto Cabrita, Augusto Rocha, Bittencourt Raposo, Amaral Cirne, Guilherme de Azevedo e tantos outros, são todos nomes que afirmam a autonomia de uma nacionalidade em via de progresso.

E' de urgencia, em nosso proprio interesse, que entremos em plena communhão com esses espiritos elevados.

Ao tomar a Theophilo Braga um titulo característico, não tenho outro fito senão abrir o exemplo para a unidade de pensamento.

Unidos no passado, nos uniremos cada vez mais no futuro pelos laços de uma philosophia commum.

Resta-me ainda um tributo a pagar, agradecendo á imprensa do Rio Grande do Sul em geral e á imprensa teuto-brazileira em particular, o honroso acolhimento que deu aos meus artigos. E' com vivo estremeccimento que aqui assignalo o nome de Carlos von Koseritz, o batalhador infatigavel que tem posto ao serviço da patria adoptiva trinta annos de sua vida, consagrando todas as forças do seu talento á defeza dos nossos mais altos interesses intellectuaes, moraes e sociaes, serviços esses que a nova patria tem pago com uma iniquidade legislativa.

Do mesmo modo levanto aqui o nome do illustrado sr. J. Fronkemberg, o erudito redactor do NEUE ZEIT, de S. Leopoldo, a quem os meus artigos devem a honra de uma versão para a lingua allemã.

Jacarehy, 2 de Março de 1880.

DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO.

ibuto a pagar, agr
io Grande do Sul e
o-brazileira em pa
mento que deu a
ivo estremecimen
ome de Carlos v
infatigavel que te
tria adoptiva tri
grando todas as f
eza dos nossos m
tuaes, moaes e e
e a nova patria t
e legislativa.
nto aqui o nome
nberg, o erudito
S. Leopoldo, a que
a honra de uma ve

e 1880.

EREIRA BARRETTO.

A Elegibilidade dos Acatholicos



A ELEGIBILIDADE DOS ACATHOLICOS
E O PARECER DO CONSELHO DE ES-
TADO

Ha apenas duas semanas, um distincto paulista (*) agitou, pelas columnas da «*Provincia de São Paulo*», a questão de saber-se porque razão os estrangeiros não se naturalizam em maior escala e não se interessam mais activamente pelo andamento das nossas cousas, das nossas idéas e opiniões.

A questão era por demais palpitante de interesse para ficar sem uma cabal resposta por parte da população estrangeira aqui residente. Foi o que effectivamente teve lugar.

O illustrado sr. Kuhlmann, representando e condensando os sentimentos e opiniões dos seus compatriotas consanguineos (o sr. Kuhlmann é hoje cidadão brasileiro), correu pressuroso a responder ao repto, e, nas columnas da *Germania*, brilhantemente discutiu a magna questão, pondo em todo o seu dia as razões do mysterio.

(*) O dr. J. C. Alves de Lima.

Dos seus magníficos artigos sobresae esta fundamental verdade: que a pequena naturalisação não póde satisfazer as aspirações de um espirito nobre e bem formado, porque ella só concede aos estrangeiros o favor «de apanharem do chão as migalhas que caem da mesa da constituição brazileira».

E, com o mais louvavel empenho, em beneficio deste pobre paiz, reclama elle com o maximo vigor a grande naturalisação, a abolição da religião do Estado, o casamento civil e a eleição por circulos.

Esta opinião, note-se bem, não é individual, é a de toda a imprensa allemã, do norte ao sul do imperio.

Neste momento assistimos no Rio Grande ao mais commovente espectáculo que jámais teve logar em todo o decurso da historia do nosso pensamento. E' uma população inteira que ahi se levanta como um só homem para endeusar o grande patriota, que, ao cahir do poder, soube elevar-se á altura do seculo, envolvendo-se na bandeira da liberdade de consciencia. E' indescriptivel o phrenetico entusiasmo dessa população pelo homem que primeiro nas regiões officiaes do imperio

affirmou os direitos do homem e a egualdade de direitos entre todos os cidadãos. E' bello, é grande, é magestoso esse movimento de enthusiasmo, e de cá, da provincia de S. Paulo, não podemos deixar de enviar os nossos mais cordiaes protestos de adhesão aos rio-grandenses por esse nobre exemplo, que nos fornecem, de uma população inteira possuida de delirio e fascinada por uma idéa generosa.

E' precisamente neste mesmo momento que o conselho de Estado, surdo aos brados da opinião philosophica, indifferente ao movimento das idéas nas camadas mais cultas da sociedade, e emperrado como o imperador Theodosio na manutenção de futilidades theologicas, vem gravemente declarar ao paiz que não ha fundamento para a alteração dos artigos da constituição relativos á incorporação dos estrangeiros e elegibilidade dos acatholicos!...

E' digno de nota que quatro viscondes e o sr. conselheiro Paulino, que brevemente tambem será visconde, tomaram parte na conjuração contra a tendencia da razão moderna e

contra as necessidades mais imperiosas do paiz.

Todos estes senhores entendem que o catholicismo é a primeira garantia do bem estar do paiz, e, nesta convicção serena, não sentem o mais leve lampejo de rubor quando offendem os mais delicados sentimentos da nossa época e asseveram que o estrangeiro que vem ao Brazil só vem com o fim de ganhar dinheiro... e mais nada!!!

Segundo esses senhores, o «ganhar a vida» é um alvo mais que sufficiente para satisfazer as mais altas aspirações do estrangeiro, e pouco importa ao paiz o concurso que esse mesmo estrangeiro nos possa prestar com suas luzes, suas idéas, sua moralidade, sua actividade e sua industria.

Evidentemente os srs. conselheiros de Estado são mais theologos do que patriotas; e, sob a ameaça das penas ideaes do inferno, sacrificam sem hesitar os interesses mais vitaes do paiz. Para elles a questão capital é a vida futura, e tal qual a entende a egreja romana. Preocupados com a idéa da salvação da vida de além-tumulo, parece-lhes inteiramente secundario o papel da vida terrestre.

Deixariamos livre curso a estas idéas, se nos viessem ellas de bispos ou de quaesquer membros de uma ordem sacra. Não podemos, porém, deixa-las passar sem um energico protesto, partindo ellas de altos funcionarios publicos, que confundem a cadeira de estadistas com o pulpito dos conventos, sem que um prurido de consciencia lhes lembre a procedencia dos pingues ordenados que percebem e para os quaes contribuem as bolsas de todas as côres, os portadores de todas as opiniões.

Este protesto é tanto mais indispensavel, quanto, a nosso vêr, a opinião publica se acha illudida profundamente sobre o alcance da réforma eleitoral, que ora se nos propõe como uma panacéa para todos os males sociaes.

Não podemos por demais insistir sobre a radical insufficiencia dessa reforma, que não passa de mais uma grossa mystificação, como tantas outras que a precederam.

Quer se adopte o censo alto, quer o baixo, o resultado continuará a ser tão nullo como d'antes. A questão não é de censo, mas, sim, de *senso*. E' o *senso*, o simples bom senso que nos tem faltado até aqui em todas as cousas ;

e é por falta d'elle que vamos perder ainda talvez 50 annos de experiencia com uma reforma tão mutilada quão improficua. A actual reforma eleitoral é uma miragem tanto mais perigosa quanto é respeitavel a massa dos espiritos nella empenhados; porque, depois da experiencia feita, esses espiritos, hoje validos, serão inevitavelmente a preza das desillusões inertes e do mais prejudicial scepticismo politico.

A robusta fé com que hoje todos os partidos recommendam a eleição directa é altamente lamentavel, porque, emquanto perdurar essa fé, as intelligencias mais activas do paiz estarão desviadas do verdadeiro ponto de vista social, que é: a educação nacional ao nivel do seculo e a completa incorporação dos estrangeiros no nosso organismo politico.

A grande falha psychologica dos nossos guias da opinião, nesta materia, consiste em um vicio de logica, em um estropeamento de methodo: o mal é de natureza radicalmente social, e o remedio que se lhe quer applicar é pura e exclusivamente politico.

Sem duvida são naturaes e reciprocas as

reacções entre o elemento social e o elemento politico; sem duvida, a fronteira divisoria que separa as questões sociaes das questões meramente politicas, não é precisamente um xanfrado infranqueavel; mas, nem por isso é menos certo que essa separação não é arbitraria e está de accôrdo com as necessidades logicas e cada vez mais crescentes do espirito scientifico.

Até os fins do seculo passado e os principios deste, era permittido acreditar que todos os males sociaes, que affligem um paiz, podiam ser sanados por medidas puramente politicas.

O systema representativo, o suffragio universal, a fascinante ficção da soberania popular, ainda não tinham passado pelo cadinho da experiencia; o entusiasmo das generosas utopias, a illimitada fé nos entes de razão, a idolatria pelas abstracções personificadas, a profunda emoção pela cousa publica, faziam vibrar todos os corações e contrabalçavam satisfactoriamente as deficiencias da razão de Estado.

De então para cá, porém, o scenario politico modificou-se completamente. A rude

experiencia dissolveu todas as construcções de phantasia e nos collocou face a face com a realidade da vida social, ante difficuldades de ordem estatica e dynamica, que só podere-mos vencer pelo paciente estudo dos factos e na mais inteira emancipação dos dogmas re-cebidos.

A experiencia que temos hoje do regimen parlamentar é amplamente sufficiente para nos convencer de que esse systema é incapaz de cumprir as suas promessas, e que devemos encara-lo como um palliativo apenas, como uma fonte de transicção entre o passado e o futuro, um simples élo na cadêa das muta-ções sociaes em caminho para uma organisa-ção superior. O verdadeiro, o definitivo re-medio é o crescimento da população, a in-strucção desta pelas sciencias positivas, é a sua crescente prosperidade material, pream-bulo normal de seu desenvolvimento moral, é em uma palavra o movimento ascendente da civilisação em todos os seus elementos.

Se o problema é difficil e espera ainda por uma solução satisfactoria nos paizes mais adeantados, muito mais grave se torna elle entre nós pelas complicações que lhe trazem

os nossos diversos elementos ethnologicos, a nossa demographia, a nossa climatologia, a nossa posição geographica, a nossa hygiene, o nosso gráu de cultura mental, etc., etc. Perante factores desta ordem o ponto de vista da politica é verdadeiramente minuscuro, e é em vão que se tentará ladear as difficuldades, supprimindo-se a face social e moral do problema, para só encarar-se o seu lado politico, que é inteiramente secundario.

Qual poderá ser a acção immediata da reforma eleitoral?

A eleição directa, dizem os seus melhores apologistas, tem a vantagem de pôr á margem o grande numero dos analphabetos, dos dependentes, dos caipiras e dos imbecis. Por certo, vae nisso alguma vantagem. Os que assim pensam, dão prova de que já se acham bastante emancipados da idolatria das ficções e das ingenuidades do regimen parlamentar; já duvidam da authenticidade dos dogmas metaphysicos, e pouco falta para que se convençam de que um dos principaes vicios do systema representativo é a escolha dos superiores pelos inferiores. Este primeiro vis-

lumbre de scepticismo já é um grande passo para a plena acceitação da sciencia social como base de uma politica fecunda, tão honesta e franca como a sciencia d'onde deriva. Esse scepticismo já é um symptoma de cansasso e repugnancia pelo espectaculo das habituaes miserias eleitoraes. Nada se póde, de facto, conceber de mais absurdo, de mais immoral, de mais revoltante que o espectaculo de uma eleição, tal qual é feita por um povo ignorante, pusillanime e corrompido como o nosso. Uma eleição em taes condições é a mais extranha violação de todas as leis do entendimento, é o mais atroz attentado ao senso commum; e é evidentemente de necessidade que envolvamos o quanto antes estas fealdades moraes na mais profunda espessura das sombras da historia.

Mas, lucraremos realmente muita cousa ao arredarmos do processo eleitoral o grosso rebanho dos illetrados, dos analphabetos, dos dependentes de toda a sorte? Serão os nossos caipiras os unicos causadores da nossa ruina moral, dos nossos descabros financeiros e administrativos?

Francamente, pela minha parte, não o creio.

O povo miudo é simplesmente o cêgo cumplice dos potentados letrados e illetrados, que pullulam por toda a parte, e que executam á risca por todo o imperio as ordens do governo. Muito maior cumplice é a nossa fidalguia de diplomados e condecorados, de doutores, commendadores, barões e viscondes, com ou sem grandeza, de que hoje regorgitam todas as provincias.

E' aqui que está uma das paginas mais escuras do segundo reinado.

Para cercar o throno do necessario prestigio, para realçar o brilho da monarchia, para garantir sobretudo a perpetuidade da dynastia, era evidentemente de boa politica a criação de uma dedicada aristocracia. Foi o que se fez. E, neste trabalho de consolidação monarchica, foi o imperante tão auxiliado pelos conservadores como pelos liberaes. Ambos os partidos trabalharam e trabalham ainda á porfia para dar cada qual maiores e mais vistosas fornadas de agraciados e titulares. Dahi a derrama desses recém-possuidores de brazões, que, anno por anno, a cada festa na-

cional, a cada anniversario natalicio de um membro da familia reinante, vêm invariavelmente nos encher de estupefacção e tomar assento á mesa do banquete imperial. Já não se conta o numero dos contentados, e muito maior é ainda o numero daquelles que restam por contentar. Apenas uma barcada atravessa a bahia dos empenhos e aporta á praia das graças, já da margem opposta está mais compacta turma reclamando equal passagem e mesmo porto. Por toda a parte surgem ninhadas de aspirantes ás fitas e aos pendurucalhos; nas ruas, nas egrejas, nos bailes, nos saráus, dominam a vista as deslumbrantes fardas bordadas, os imponentes chapéus armados, os agaloados calções e os aureos fivelões. Estão realizados e excedidos todos os desejos de uma eôrte segundo o estylo tradicional. A mais scintillante legião de honra circumda os degráus dourados do throno.

Mas, o que convém notar mais particularmente, é que não é só do seio do commercio e da lavoura que se levantam diariamente os novos astros. A propria republica das letras não escapou ao contagio, e é arrastada pelo mesmo turbilhão, atacada da mesma

vertigem e enriquecendo cada dia a orbita imperial com mais uma estrella, com mais um luzeiro.

Jurisconsultos, medicos, engenheiros, representantes do pensamento culto, não nutrem senão uma ambição: a de fazer parte do firmamento de S. Christovam e eclipsar pelo brilho dos bordados o resto dos seus concidadãos.

Eclipsar a todos, ser alguma cousa mais, em apparencia, do que os outros, eis a incessante preocupação da geração que passa e da geração que surge! A sciencia já não é mais um nobre e austero escopo a attingir; a illustração do espirito, a intelligencia ao serviço da patria e da humanidade, a pratica das virtudes civicas, já não constituem um digno alvo da actividade humana, já não satisfazem as aspirações da mente e do coração: é preciso que em torno do craneo e por fóra do thorax fulgurem os symbolos da vaidade cortezã.

E' neste abysmo de ruina moral que se tem afundado a mais bella nata da nossa sociedade; e é nesta vertiginosa subversão de todas as leis da esta bilidade de character e do

senso moral que somos educados. Não temos os sãos e firmes principios de uma altiva tradição social ; não temos a robusta tempera dos fundadores do regimen representativo ; não temos a mascula energia das patrioticas convicções, não temos opiniões fixas, nem dogmas definidos, nem bandeira, nem programma social.

Arredados, portanto, da urna os analphabets, os pobres ill-ttrados, o que nos resta ? fardões, chapéus armados, e a fumaça do incenso subindo como d'antes ás regiões do firmamento...

Admittamos pelo contrario, a grande massa dos estrangeiros a se incorporar na trama intima do nosso organismo politico ; concedamos-lhes plena egualdade de direitos, plena liberdade de consciencia, e podemos garantir que dentro de dez annos já a face do paiz será inteiramente outra.

Nãs podemos dispensar o concurso dos estrangeiros. Nenhum grande progresso material é possivel sem que um grande movimento intellectual o tenha precedido e preparado ; e entre nós não terá logar esse prévio

movimento intellectual sem a intervenção do elemento estrangeiro.

Todos, até mesmo o hypercatholico sr. visconde do Bom Retiro, contemplam com admiração o extraordinario progresso material que tem levado no decurso de um seculo a grande Republica norte-americana ao mais espantoso gráu de prosperidade. Entretanto, poucos são os que se dão ao trabalho de analysar as causas efficientes desse portentoso, poucos são os que penetram nas condições mentaes e moraes do povo, que assim se ergue tão pujante, tão gigantesco á nossa vista.

Uns por preguiça de espirito, outros por medo das penas ideaes da outra vida ou dominados pela supersticiosa reverencia do art. 5º da constituição, não querem reconhecer que todo o segredo da civilização norte-americana consiste simplesmente na liberdade de pensamento e na perfeita egualdade de direitos civis e politicos de todos os habitantes, sejam quaes forem as suas crenças, seja qual fôr a sua primitiva nacionalidade.

E' só o espirito de tolerancia religiosa e philosophica, é só o influxo de generosidade

que reina em toda a constituição norte-americana que tem attrahido para os Estados-Unidos essa intensa corrente de intelligencias robustas, de caracteres fortes, de cidadãos activos, partindo de todos os pontos do velho mundo, onde deixam todos os preconceitos, todos os resentimentos, para inaugurar em nova patria uma nova carreira de trabalho, com o espirito aberto a todas as beneficas influencias do progresso das sciencias.

Os nossos conselheiros de Estado não são cidadãos do mundo actual, são apenas passageiros de Jerusalém para a immortalidade, e por isso não podem comprehender que um estrangeiro protestante ou israelita tenha aspirações intellectuaes a realisar, nobres necessidades moraes a satisfazer.

Estão fechadas para elle todas as portas da vida social; são-lhe prohibidos todos os encantos de uma activa cooperação no bem commum; a sua fibra moral só póde vibrar sob o material impulso das instigações do estomago... Taes são as conclusões praticas a que conduz a philosophia de palacio. Contra tão tristes e repellentes conclusões é nosso dever protestar, é dever de todos aquelles d'entre

nós, que se acham emancipados das faxas theologicas, e que muito acima dos egoisticos interesses da salvação eterna sabem collocar a salvação terrestre dos interesses intellectuaes e moraes da patria e da humanidade.

Os conselheiros de Estado, que lavraram o parecer reaccionario, são conservadores e estão de accôrdo neste ponto com o sr. Sinimbú, chefe do gabinete liberal, o qual tambem julga perigosa a assimilação do elemento estrangeiro e a abolição da religião do Estado.

Não se deve tocar no art. 5º, diz s. exc. porque a grande maioria dos brazileiros é catholica.

Esta asserção é inteiramente falsa.

Para todos aquelles, que sabem deitar um olhar penetrante na intimidade das differentes camadas sociaes e que não se contentam com as exterioridades de convenção, é evidentemente inquestionavel que quatro quintos da nossa população se compõem de feticistas e polytheistas, e que apenas um quinto, cuja grande maioria se compõe de deistas, está reservado aos verdadeiros catholicos.

S. exc. não tem tido tempo talvez para illustrar o seu espirito no manejo das ques-

tões philosophicas. Por fatalidade, porém, não se pôde ser chefe politico, director do Estado, sem se estar senhor do terreno philosophico em suas mais intrincadas minudencias. Se s. exc. se tivesse occupado com grande antecedencia destes estudos, se em seu espirito admittisse entrada a um pouco de anthropologia nacional, conheceria hoje muito melhor a situação mental do paiz e perceberia claramente que nenhum paiz melhor do que este se presta a manipulações desta natureza.

A refórma entre nós pôde operar-se sem o menor abalo, porque o numero de verdadeiros catholicos é limitadissimo. A maior parte dos que pretendem sê-lo não são senão puros deistas, tão passiveis das fogueiras do *Syllabus* como os positivistas, os atheus, etc.

O nosso clero é quasi em sua totalidade deista; toda a nossa camara actual, inclusive o sr. Sinimbú, é deista; quasi todo o senado é deista; o ensino official da philosophia nas academias de S. Paulo, de Pernambuco, nos lyceus, nos collegios, é exclusivamente deista; é em uma palavra o puro deismo que do-

mina em todas as camadas mais cultas da nossa sociedade.

São inteiramente sem valor todos e quaesquer protestos em contrario. O diagnostico differencial dos diversos modos de ser do espirito constitue uma das mais solidas bases da sciencia positiva, e nenhuma vontade humana póde inverter a ordem das classificações instituidas. Um ou outro mais audaz, que se levanta contra a hierarchia do pensamento systematisado, não consegue, como acaba de acontecer em pleno parlamento ao dr. Bezerra de Menezes, senão revelar a sua profunda ignorancia nesta materia, pretextando-se perfeito catholico e patenteando entretanto todos os symptomas de um apurado deista.

Se descemos agora ás camadas incultas da nossa sociedade, as quaes constituem com segurança quatro quintos da população, reconheceremos evidentemente que d'esse lado não póde haver a menor resistencia contra a refórma. Excluida desses quatro quintos a população escrava que é totalmente fetichista, não obstante o rotulo catholico que a cobre, resta-nos uma grande fracção que vive

engolphada no mais profundo polytheismo primitivo. Para esta a refórma passará completamente despercebida, porque não toca absolutamente em uma só de suas crenças fundamentaes, as quaes continuarão a viver por muito tempo ao lado da liberdade de consciencia, do mesmo modo que têm vivido até hoje ao lado do catholicismo official, cuja existencia lhe é inteiramente indifferente.

No conflicto episcopo-maçonico tivemos occasião de assistir a uma magnifica experiencia psychologica, do mais subido alcance, pelas provas que nos fornece da veracidade do nosso asserto. Ahi vimos os bispos, os principes da nossa egreja, trazidos á barra do tribunal, processados, condemnados—e condemnados tumultuariamente, contra todas as regras da equidade—sem que, entretanto, de um só canto do imperio o povo se movesse ou promovesse ao menos um pronunciamiento a seu favor. O povo conservou-se de braços cruzados, na mais glacial attitude, simplesmente por uma razão: é que a pessoa dos bispos lhe é inteiramente indifferente. Outro teria sido o procedimento popular na Hespanha.

Mesmo entre nós, o procedimento teria sido bem diverso, se o sr. Rio Branco, em vez de ferir a pessoa dos bispos, tivesse por acaso ferido qualquer dos objectos da adoração de nossa população polytheista. Tocasse elle por exemplo na Senhora da Aparecida, na Senhora dos Remedios ou na Senhora das Dôres, e ahí teriamos por toda a parte as mais sangrentas sedições. Os proprios bispos não possuem o prestigio necessario para introduzir a menor modificação nos usos admittidos pelo povo no que diz respeito ao culto de qualquer santo. Ainda ha pouco, asseveram-nos pessoas fidedignas, o actual diocesano d'esta provincia, inspirando-se nas idéas mais elevadas do catholicismo, tentou substituir a imagem da Senhora da Aparecida por uma outra mais de accôrdo com o decoro artistico dos nossos dias: o seu sermão n'este sentido não produziu senão a mais desagradavel impressão em todo o seu auditorio, e forçoso foi ser prudente e deixar as cousas no *statu quo*. O resultado não podia ser naturalmente outro; porquanto, o illustrado prégador, agitando concepções da mais alta esphera catholica, achava-se collocado

em um terreno por demais fóra do alcance das fracas forças mentaes do seu auditorio polytheista. O que se passou aqui em ponto pequeno, é o que se passa em grande por toda a parte relativamente á co-existencia do catholicismo com as outras fórmulas religiosas do pensamento popular. Do catholicismo não apparece senão o exterior, a pompa do culto externo, sob a qual vive o polytheismo, não como parasita, mas sim como alimentador vital da doutrina que o move. E, em geral, todas as populações, de origem neo-latina, não são senão nominalmente catholicas na actualidade, e a razão é obvia: se a população se illustra, passa ao deismo, se se illustra mais fortemente, sóbe a um gráo mais alto da hierarchia e cahe em qualquer das fórmulas do pensamento scientifico, atheismo, materialismo, darwinismo, positivismo, etc., etc.; se se não illustra bastante, pára no paganismo, ou desce mesmo ás profundidades do fetichismo; e d'esta sorte, quasi nenhum terreno sóbra para o genuino catholicismo.

Ora, se esta é a verdade da situação; se esta é a legitima interpretação dos factos da nossa mentalidade, não podemos absoluta-

mente comprehender a razão do perigo, que o sr. presidente do conselho enxerga nas reformas pedidas.

E, entretanto, o sr. Sinimbú continúa a fazer sentir ao paiz, por intermedio do orçamento chinéz, que nós precisamos de braços!... Mas, serão braços sem cabeça?

E até quando continuaremos neste jogo irracional e desairoso, procurando á custa de pezadas sommas attrahir a emigração ás nossas praias e ao mesmo tempo repellindo brutalmente os estrangeiros que nos procuram?! Eis já mais de meio seculo que estamos a oferecer ao mundo pomos de ouro, quebrando entretanto as pernas áquelles que tentam colhe-los!

Isto evidentemente não é de uma politica séria; isto não póde continuar indefinidamente.

E' preciso que saibamos todos querer uma nacionalidade grande e poderosa no futuro, muito embora seja ella o producto da fusão de todos os sangues, de todas as raças.

Não devemos perder de vista que nós mesmos não somos, sobre a terra brazileira, senão estrangeiros aqui domiciliados de mais.

longa data; somos portuguezes pelo sangue e o seremos ainda por muitos seculos pela educação e pelas tradições. Com a refórma proposta não fazemos mais do que estender ás outras nações o direito que nos coube por mera eventualidade.

O que devemos sobretudo receiar e evitar é a immobildade, de que nos ameaça a religião do Estado, e o isolamento do concerto geral das nações, de que nos ameaça a inelegibilidade dos acatholicos.

Jacarehy, 25 de Outubro de 1879.

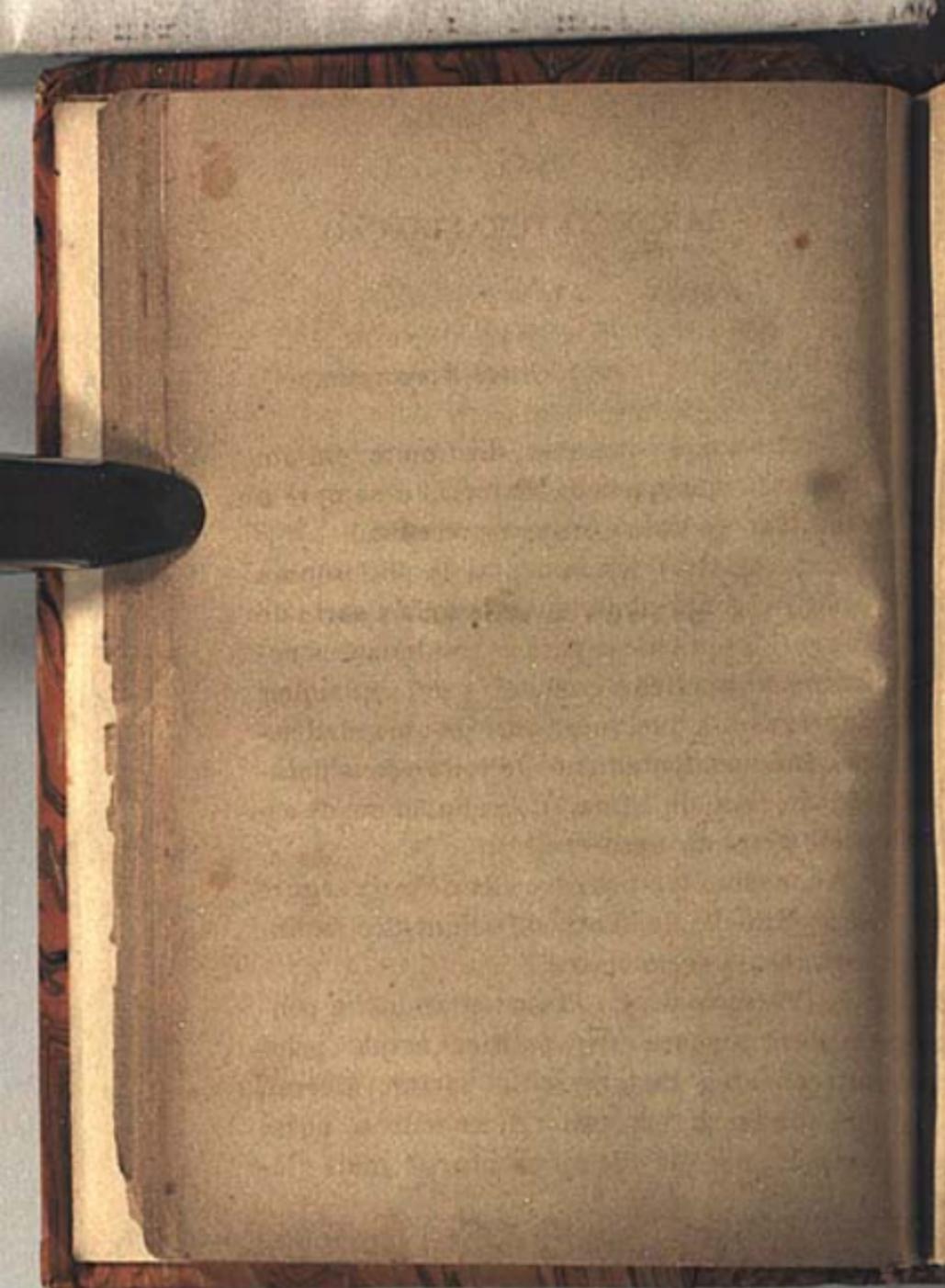
ATIVAS

vezes pelo sup
uitos seculos p
Com a refina
do que estabe
e nos coube p

recear e evit
s ameaça a r
to do conce
ameaça a inel

1873.

A grande naturalização



A GRANDE NATURALISAÇÃO

I

Ordem e progresso.

Uma situação qualquer, diz Comte, em um momento qualquer da historia, é sempre o resultado de tudo quanto a precedeu.

Esta maxima fundamental da philosophia positiva, fonte abundante de toda a sorte de suggestões practicas para as combinações politicas, se applica a qualquer paiz, a qualquer aggregado, a qualquer phase de uma civilisação, independentemente de toda a consideração de raça, de clima, de religião ou de aspecto geral da natureza.

Ao mesmo tempo serve ella de guia seguro na applicação do methodo scientifico ás investigações sociologicas.

A *Provincia de São Paulo* tentando, ha pouco, aferir a nossa crise politica actual pelos antecedentes historicos do partido liberal, que condensa por assim dizer todo o nosso passado, no que elle apresenta de mais glo-

rioso, procurou collocar a questão neste terreno elevado, o unico compativel com as exigencias do espirito scientifico moderno.

Era um campo magnifico para se travar a lucta. Ahi desappareciam as personalidades, para só se encontrarem frente a frente os principios. Podia ter havido erro no manejo do processo, podia haver falta de justeza nas apreciações, podia haver excessiva severidade de juizo em um ponto, excesso de benevolencia em outros.

Mas, todos estes defeitos—na hypothese que taes defeitos existissem—não constituam um motivo plausivel para se condemnar o proprio methodo e se envenenar as conclusões. Se erros houve, era facil nos adversarios rectifica-los, não invocando argumentos de ordem extra-scientifica ou motivos pessoaes, que nada têm que vêr com a questão, mas pondo em jogo as mesmas armas, invocando o mesmo methodo, dando a palavra aos mesmos factos e fazendo surgir do meio das falsificações, reaes ou suppostas, a nua verdade historica.

Infelizmente, a tentativa frustrou-se: e o grande debate teria facilmente degenerado

em uma deploravel polemica pessoal, se a *Provincia* não tivesse tido a prudencia de abster-se de represalias systematicas, ante a violencia de linguagem de um dos principaes orgams da imprensa governista, linguagem que, só por excepção e por curtos intervallos, se tem ouvido nesta provincia.

Os artigos que vamos submetter á consideração do publico, põem em circulação algumas duras verdades de philosophia politica, que com facilidade pôdem provocar nos arraiaes officiaes uma viva reacção.

Entretanto, não entra absolutamente em nossos planos a provocação de conflictos deste genero. Se ha um assumpto, em que menos cabimento pôde ter a polemica, é por certo o da grande naturalisação. Não a desejamos, portanto; antes, sinceramente, a rezeíamos.

Só, desejamos, sim, que pessoas mais habéis se occupem do mesmo assumpto e o elucidem em todas as suas faces e no mesmo sentido favoravel.

No momento em que Portugal tomou posse effectiva do Brazil, a unidade de pensamento,

estabelecida pela acção do catholicismo, achava-se irrevogavelmente rompida na Europa. A ordem moral achava-se profundamente abalada. As continuas revoltas contra a auctoridade da egreja, as incessantes heresias, a invasão crescente do espirito revolucionario da refórma, as sangrentas represões, o estabelecimento dos queimadeiros inquisitoriaes, tudo indicava que se fechava um mundo antigo e que um novo se abria, inaugurado pelas primeiras descobertas das sciencias physicas. Era geral o cansasso pela antiga doutrina, que impunha a obediencia passiva, a humildade e a privação de todos os gozos terrestres, como condição da salvação eterna. As primeiras conquistas da sciencia faziam presentir um futuro mais risonho e mais humano. Entretanto, essas primeiras acquisições scientificas, bastante efficazes para arruinar a fé, eram por demais limitadas para constituir um corpo de doutrina, que pudesse substituir vantajosamente a antiga.

Não se acreditava mais nos velhos dogmas, mas ninguem se achava em estado de conceber e pôr outros no lugar. Estava irrepara-

velmente alluido o edificio catholico-feudal, mas faltavam completamente os materiaes para a construcção da nova obra. Achavam-se, por consequencia, todos os espiritos fóra de equilibrio, sem ponderação.

Nessa fronteira divisoria, entre um antigo systema de crenças, que se desmorona, e um outro, que apenas surge, destituído de bases mentaes, o perigo é grande para a balança das funcções cerebraes. Os organismos collectivos, como os individuos, pódem passar de um extremo a outro. Da excessiva actividade intellectual, sob fórma de fervor religioso, pódem cahir na mais completa apathia mental. Em logar da progressão historica vemos então uma regressão.

A dissolução dos costumes, a desorganisação moral vêm tomar o logar da antiga synthese.

Os povos mais novos, aquelles que appareceram mais tarde na scena da historia, e, talvez por este motivo, como que dotados de uma maior reserva de energia, atravessaram incolumes essa phase de perigo e fizeram redundar em beneficio do progresso os destroços da antiga mentalidade.

Neste caso estão os allemães, os franceos, os anglo-saxões.

O mesmo não aconteceu com as raças mais mescladas de sangue romano, cuja economia mental havia sido mais profundamente abalada pelas successivas mutações do pensamento. Nestas, e sobretudo, em Portugal, o effeito do ultimo golpe foi o de uma verdadeira concussão cerebral. O principal symptoma diagnostico da concussão cerebral é: em medicina legal, a perda da memoria, o *hiatus* entre o presente e o passado, o completo esquecimento de tudo quanto precedeu a situação actual.

Ora, em historia, nenhum paiz apresenta mais accentuado este symptoma caracteristico da perda da filiação dos antecedentes do que Portugal, no momento em que se resolveu a tirar partido effectivo do immenso territorio, que a sorte acabava de lhe confiar.

Não foi o desinteressado e puro zelo pela propaganda da fé christã, nem o altruistico empenho em concitar os aborigenes a tomar assento á mesa do festim da civilisação, que o moveram a expedir para cá as primeiras turmas de povoadores: não, o que o insti-

gou, foi tão sómente o prospecto das nossas minas de ouro, de que tanto precisava a côrte portugueza, para dourar novos peccados e resgatar os antigos mediante devotas doações.

Os primeiros povoadores—nossos gloriosos átavos—foram galés, calcétas, relapsos de justiça de toda especie. E é bom não perdermos de vista este detalhe da nossa arvore genealogica, bem como não devemos esquecer que jámais entrou nas vistas de Portugal a fundação entre nós de uma séria agricultura.

Mais tarde, a cousa andou um pouco melhor: capitães-móres de fardão, scintillantes vice-reis vieram seccessivamente ennobrecer este receptaculo de reprobos.

¶ Mais tarde ainda, o proprio rei em pessoa aqui appareceu.



II

Ordem e progresso.

Vinha el-rei rodeado de toda a sua côrte, trazendo uma enorme bagagem, onde figuravam com grande sobre-saliencia bahús com bullas e caixas com santos.

Tanto o rei como a côrte chegavam com terebrante appetite e grande necessidade de refocillação. As fadigas da longa viagem, as cruciantes emoções da fuga, succedendo ao panico produzido pela presença de Junot em Portugal, reagiam com toda a força da materia a favor das expansões sardanapalicas. Durante os primeiros tempos, o paiz só percebeu a presença da monarchia pela alta nos mercados de comestiveis e pelo clangor das festas congratulatorias. Era a supremacia do instincto de conservação material em consciencias fartas de missas, mas faltas de toda a noção do dever moral a cumprir. E assim o jubilo foi grande e prolongado.

Entretanto, uma cousa destoava no meio da geral satisfação : é que a realidade do El-

dorado não correspondia á expectativa ; o ouro das nossa minas não se derramava nas mãos de el-rei com a profusão sonhada no outro lado do Atlantico.

Era preciso esporear este paiz, era preciso revolver as suas entranhas, espremer todas as montanhas, para com o producto da sucção tapar os profundos buracos do real erario. Para isto era indispensavel gente, muita gente, e de bem musculados braços. Mas, onde ir busca-la ? Em Portugal ? Não se podia seriamente pensar nisso : toda a população de Portugal era insufficiente para occupar a área de uma só das nossas menores provincias.

Recorrer aos hollandezes, aos francezes ? A isto se oppunha o ciume da avareza ignorante e ainda mais o odio resultante de um recente passado. Aos inglezes ? Estes, na verdade, se achavam em uma situação mais favoravel : acabavam de arrancar a mãe-patria ás garras do grande capitão côrso e faziam a el-rei mil pequenos favores, forneciam-lhe conselhos gratuitos e algum dinheiro a premio honesto. Entretanto, a cordialidade não era completa. A côrte da Ba-

hia, e, posteriormente, a do Rio de Janeiro, não viam com bons olhos a preponderancia ingleza : a abertura de alguns portos do Brazil ao commercio estrangeiro, a liberdade de exploração de algumas minas de sal e outros pequenos vislumbres de industria autochtone pareciam-lhe exigencias impertinentes, concessões fataes, que só um amigo perfido poderia aconselhar. E' preciso não esquecer que nesse bom tempo todos os dogmas fundamentaes da economia politica moderna eram reputados heresias tão perversas como os de liberdade de pensamento, liberdade de consciencia e liberdade de culto.

Ao passo que a diplomacia ingleza forcejava por fazer triumphar a tendencia moderna, a côrte de el-rei dava tratos á imaginação para descobrir uma chave do seu cunho para a solução do problema.

Os dedicados servidores olharam para a Africa

Lá estava a chave.

As colmeias africanas passaram-se para as nossas plagas. Enxames sobre enxames desbravaram as nossas mattas, fundaram os primeiros nucleos agricolas e produziram um

principio de riqueza. Com esta surgiram novos horisontes, despontaram germens de emancipação, e alguns espiritos mais ousados sonharam independencia.

Fez-se, de facto, a independencia, e, logo após, foi proclamada a carta constitucional.

Para se poder bem comprehender esta fabrica politica, convoluto de idéas adeantadas e de principios retrogradados, verdadeiro mixto de carolice e de impiedade, é preciso não perdersmos de vista a situação social de onde surgiu.

Como no parallelogrammo das forças, esta obra é a resultante de duas tendencias contrarias e incompativeis : a da retrogradação, personificada no espirito portuguez, e a da progressão natural, influenciada pelas idéas de 89 e secundada pela acção da diplomacia ingleza. Foi um producto hybrido, imposto pela habilidade diplomatica aos impotentes representantes do passado.

Como todo o producto hybrido, esta obra estava condemnada a não dar fructos.

Mas, como os effeitos de qualquer combinação politica, em virtude da complicação natural dos phenomenos sociaes, só se tor-

nam perceptíveis e accentuados no fim de algumas gerações, ninguém suspeitou durante muito tempo a fragilidade inherente á obra. Houve mesmo por ella a principio grande entusiasmo e muito bons brasileiros acreditaram sinceramente na sua efficacia.

Na situação de espirito, em que se achavam esses nossos avós, era de facto difficil dominar todos os pontos de vista e abraçar de um só golpe todas as consequencias.

Senhores absolutos de um immenso e admiravel territorio, onde se encontram grandes rios, grandes minas, todos os climas, todos os recursos ; garantidos em seu dominio pelo apoio moral de uma grande nação ; contando com o fecundo e inexaurível ventre da Africa para o fornecimento de milhares de milhares de machinas humanas para a pacifica exploração das riquezas do sólo ; secundados pela intensa energia da fé catholica, que impõe ás machinas humanas a resignação como a primeira das virtudes sociaes ; circumdados, em uma palavra, de todas as vantagens materiaes de uma bella posição geographica, não podiam absolutamente descortinar no horisonte os pontos negros do

fundo do quadro. Com tão magnifico ponto de partida, a prosperidade, a grandeza, a força nacional deviam necessariamente apresentar-se a seus olhos como a unica perspectiva possivel.

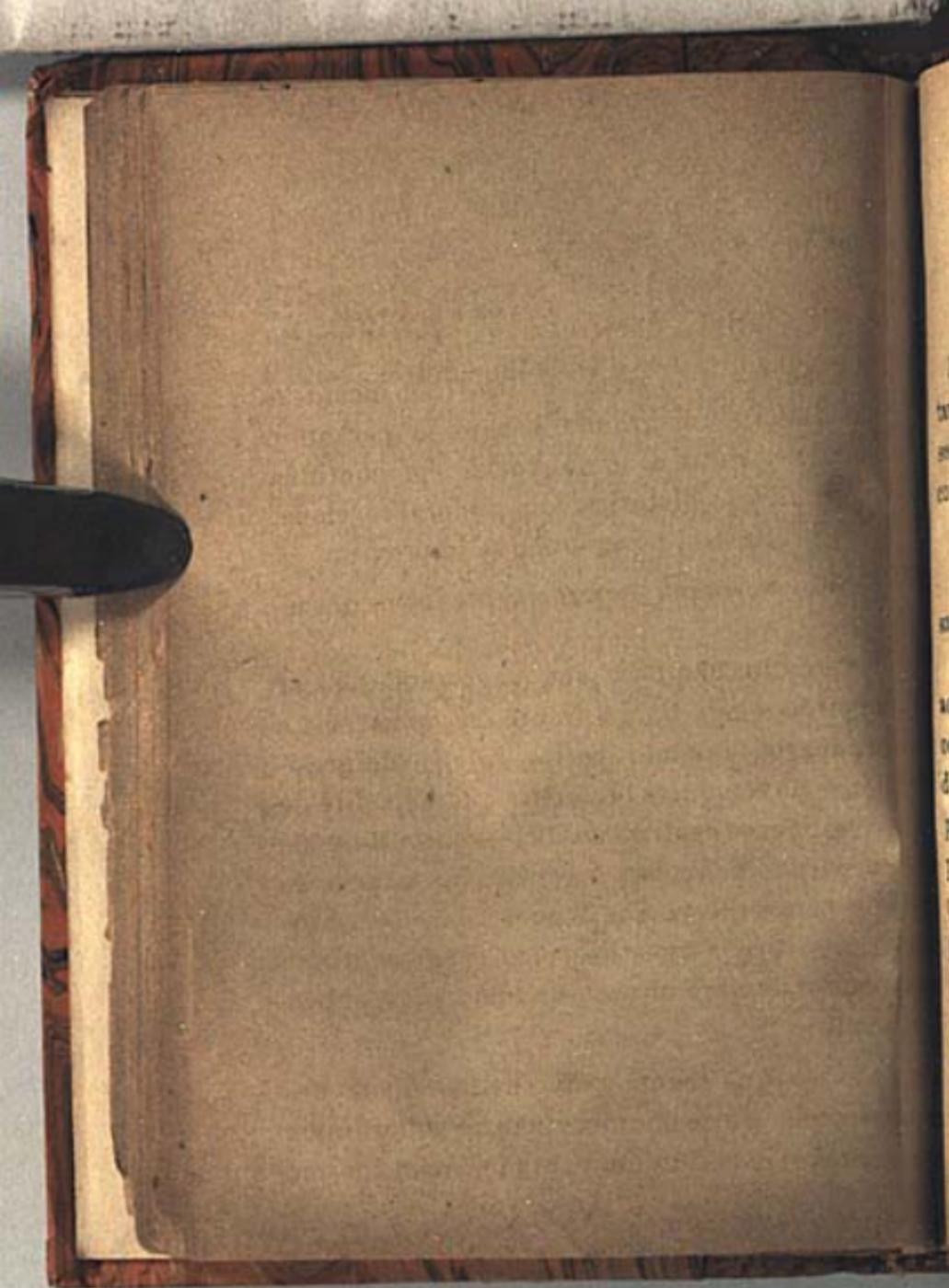
Assim como certas tribus atardadas depositam no tumulo de seus mortos iguarias e reliquias, na persuasão de que esses pios objectos serão agradaveis aos queridos manes, assim os nossos avós, dominados por um longo passado de egoismo, identificados e formando uma só peça com o espirito retrogrado de Portugal, depluzeram no berço da nossa historia politica a instituição da escravidão, na candida persuasão de que, assim procedendo, faziam obra util e agradavel a nós, seus predilectos netos.

Baldado esforço de paternal piedade.

As iguarias apodrecem ao lado dos manes: nós apodrecemos no meio da escravidão. Fomos nós os sacrificados. O que parecia um elemento de vida tornou-se um elemento de morte. O que parecia uma instituição normal e justa tornou-se com o tempo uma obra apenas justificavel como expediente de momento. Falharam todos os calculos dos nos-

os bons avós; o problema do povoamento
continúa de pé; a escravidão e o catholicis-
mo (que para o espirito é uma outra forma
de escravidão) impediram a immigração; o
paiz continúa deserto; não conseguimos ac-
climar entre nós o trabalho e a industria; e,
afinal, fluctuavamos indecisos entre duas
correntes, quando o nosso monarcha, em um
momento de despeito, rompeu bruscamente
com as tradições, e collocou-nos sobre a
ponta de um rochedo no meio do grande mar
do desconhecido, sem querer nos conceder,
por caridade ao menos, os meios de sahirnos
airosamente desta singular e perigosa posi-
ção.

Não contestaremos ao sr. d. Pedro II a
grandeza do seu ideal nem a nobreza de suas
intencões.



III

Ordem e progresso.

Esse passo do sr. d. Pedro II foi incontavelmente um grande progresso perante o seculo, perante a moral social em continua contradicção historica com a moral revelada.

O progresso, porém, não se improvisa.

Não se rompe impunemente com o passado.

Se assim não fôra, sua magestade não se acharia a esta hora á frente da monarchia e occuparia, quando muito, o logar de presidente da republica brazileira. E, seja dito de passagem, o espirito publico está muito mais preparado para esta inversão de papeis do que pensa talvez sua magestade e seu proprio governo, anesthesiados pelo continuo incenso de uma imprensa fanatisada e superficial.

As leis que regem a marcha dos phenomenos sociaes e economicos não se subordinam aos caprichos de uma vontade, nem mesmo

quando essa vontade é entre os humanos sagrada e inviolavel.

Não se destróe senão aquillo que se póde substituir, ensina a philosophia positiva, e toda a refórma radical e immediada é necessariamente contradictoria, e, por consequencia, nociva. Assim é, porque uma mutação social qualquer suppõe uma serie de antecedentes que a preparam. No caso vertente a refórma foi contradictoria e nociva, porque a constituição não nos deu os meios de prepara-la, e, não tendo nós tido meios de prepara-la, achamo-nos hoje impossibilitados de substituir uma instituição que sua magestade destruiu pela raiz.

Os nossos avós, fundadores da patria, estavam no seu papel, foram logicos quando elaboravam a constituição. Contavam certo com a permanencia indefinida da escravidão; nem de leve suspeitavam que a pressão das nações civilisadas a pudesse um dia extinguir; e, nessa convicção de animo, puderam muito rasoavelmente dispensar o concurso do estrangeiro.

No fabrico do novo imperio, o ponto de vista, que preponderava, era o do interesse, em

primeiro logar de uma casa, de uma familia : e, em segundo, de uma pequena raça, de um punhado de individuos favorecidos pelo acaso. Encarada desse ponto de vista, a grande naturalisação não podia evidentemente apresentar-se senão como um elemento perturbador. Foi, portanto, rejeitada. E' um facto que se deve deplorar, mas que não se póde denegrir em demasia, visto a somma de antecedentes que pesavam contra a sua adopção. O criterio historico é relativo ás epochas e ás circumstancias. Outros tempos, outra moral.

Mui diversa era a situação feita pelo tempo a s. m. o sr. d. Pedro II ; mui diverso o ponto de vista de nossa epocha ; e, por consequencia, mui diversas deveriam ter sido as precauções a tomar, se queria de véras que a historia lhe concedesse um logar de honra ao lado dos grandes homens de estado, de Frederico, o grande, por exemplo.

Sua magestade arrancou uma das pedras angulares do edificio legado por seus avós, deixou-o suspenso no ar em um dos angulos ; e, quando hoje, receiosos de uma ruina imminente, pedimos que nos conceda a permis-

são para collocar alli uma escóla, grita-nos o sr. Sinimbú: *ainda não é tempo.*

Tivemos assim o progresso sem a ordem; tivemos o exemplo do espirito revolucionario partindo do alto, sem as medidas supplementares que deviam contrabalançar os inconvenientes de uma applicação intempestiva. Desta sorte, vamos viver por alguns annos com o resto das forças de trabalho, que nos legou o passado, e, esgotadas estas, entraremos em liquidação forçada.

Se tivéssemos tido, ao menos, a consciante firmeza de character, ao darmos ao mundo este bello exemplo de abnegação, a historia poderia affirmar aos nossos vindouros que nos suicidámos por uma idéa. A nossa quéda poderia então figurar como uma rehabilitação. Seria nobre, seria um facto de marcar epocha. Isto não acontecerá, entretanto.

Em primeiro lugar, não ha exemplo, na historia, de um povo que quebra gratuitamente os instrumentos de trabalho, que tinha nas mãos, sem possuir os meios de obter outros, superiores ou eguaes, que substituam os primitivos. Neste sentido o nosso sacrificio perde de merecimento pela leviandad

Desapparece a generosidade do impulso ante a irreflexão do capricho.

Em segundo lugar, não houve sinceridade no sacrificio : não houve aquella largueza de vistas generosas, quando perante o mundo exhibimos o pomposo espectaculo de abnegação.

O governo de sua magestade continuou a mesma estreiteza de vistas em tudo quanto diz respeito á politica internacional, ao direito das gentes, o mesmo acanhado programma, o mesmo espirito de egoismo e de improbidade para com o estrangeiro, que do tempo de d. João VI.

Um estadista notavel e de boa fé, o sr. visconde do Rio Branco, estancou a fonte da escravidão.

Mas, o habito de ter escravos, de procurar escravos para povoar o paiz, continuou vivaz e arraigado no espirito e nos actos do governo de sua magestade. A *vis a tergo* das tradições é que continúa a mover toda a nossa politica. Não somos nós que nos governamos, são os mortos, são os nossos antepassados, esses contemporaneos de uma phase social, em que a palavra *estrangeiro* era synonymo de

inimigo (*hostis*). Não é o espirito do seculo que determina a nossa conducta ; é a sombra de um tenebroso passado.

Desistimos do escravo preto, mas queremos o escravo branco sob o nome mais euphónico de *colono* ; e sua magestade está na dianteira dos que nadam nas impuras aguas desta corrente. Com um simples euphemismo de linguagem acreditamos poder alterar a natureza das cousas e continuar o antigo systema de espoliação.

Por todos os meios temos procurado attrahir os emigrantes ás nossas praias.

Em desespero de causa, temos atirado o nosso ouro aos montes, para captá-los. Mas, elles passam de lado, indifferentes ao nosso engodo, e vão para os Estados-Unidos, para a Nova Hollanda, para a Australia, para a India, para as Republicas do Prata ; vão para onde os respectivos governos não lhes offercem dinheiro, mas offercem-lhes simplesmente o titulo de cidadãos. Justa e tremenda punição para a maldita velleidade de querer resolver problemas, em que entram factores da mais alta esphera moral, pelo ex-

espirito de exclusivo calculo de mesquinhos interesses materiaes.
ducta; é a

Depois da lei da emancipação do ventre proletario, parecia que iam entrar de cheio em uma nova phase politica e social e desenrolar um vasto programma de medidas liberaes marcadas ao cunho das generosas inspirações. Perfeito engano! Foi então que se revelou em todo o seu dia a desnaturada tendencia da nossa governação, e que se tornou bem patente a conformação teratologica do nosso organismo politico.

Os nossos avós se haviam dirigido á Africa; o primeiro gabinete liberal deste ultimo decennio se dirigiu á China.

Este passo impolitico, este erro palmar, tem para a historia uma alta importancia: a expedição á China significa a tenaz repugnancia que reina nas regiões officiaes pela civilisação européa.

Não somos infensos aos chins, como não somos infensos a nação alguma. Admiramos antes essa civilisação imponente surgida do seio de uma longa elaboraçáo de principios puramente humanos, sem a mais leve intervenção de revelações divinas ou outras quaes-

quer manifestações da agencia sobrenatural. Admiramos profundamente o espirito eminentemente positivo desse povo activo, intelligente e affeito aos mais arduos problemas da industria pacifica.

Não, não é por isso que condemnamos a missão á China. Condemnamo-la, sim, não só porque não temos um unico antecedente historico, que permita uma perfeita fusão de sangue, de interesses e de idéas, mas sobretudo porque entra nessa tentativa um pensamento occulto inconfessavel, o da exploração mercantil de um povo laborioso que se reputa *excellente* como instrumento de trabalho, mas que se considera *inferior* por não ter sido baptisado! — Não somos contra a China: somos, sim, e seremos sempre contra todo o plano de colonisação, em que entre um calculo de traição contra quaesquer de nossos hospedes. O que queremos acima de tudo, é que se reconheçam os direitos do homem; o que pedimos: é a nobilitação do trabalho.

Sua magestade e o seu governo ainda a esta hora não comprehenderam que os interesses puramente materiaes são antes mais pro-

prios para desunir do que para unir, para repellir do que para attrahir. E, se temos hoje, não obstante as funestas disposições da nossa affonsina legislação, algumas prosperas colonias, o devemos não sómente ás vantagens excepcionaes do paiz, mas sobretudo, ao grande espirito de tolerancia e de fraternisação do nosso povo, muito mais adeantado neste ponto do que todos os nossos governos constitucionaes. O instincto popular sobrepujou de muito a sabedoria de sua magestade e a de seus sete ministros, e, se lhe fosse facultada a opção, hoje mesmo seriam cidadãos brasileiros todos os estrangeiros aqui residentes.

A o
dena
fidos
catho
exerci
recus
ase al

As
leiro
presi
ção
de on
pre-e

As
trala
aha o
a sua
opai

Tr
um

IV

Ordem e progresso.

A obra da nossa constituição estava condemnada a permanecer estéril, por dous defeitos capitães: a consagração da religião catholica como religião do estado e origem exclusiva de todos os direitos politicos, e a recusa absoluta aos estrangeiros do direito aos altos cargos politicos.

As condições de formação do estado brasileiro afastaram-se completamente das que presidiram na evolução historica á constituição dos outros estados. Não se tratava aqui de organizar politicamente uma população pre-existente, já formada.

As diversas tribus selvagens aqui encontradas não entravam absolutamente em linha de conta; ninguém se preocupava com a sua sorte, antes o seu exterminio estava na opinião geral.

Tratava-se, por consequencia, da criação de uma população.

Ora, para os espiritos menos aguçados é evidente que a formação deste novo estado não podia ser modelada segundo o typo dos antigos reinos. A historia antiga nenhuma solução aproveitavel podia nos offerecer; aqui a embryologia social era inteiramente especial; tudo era novo, tudo estava por fazer segundo as indicações terminantes da novidade da situação, das circumstancias presentes.

Mas, se não encontravamos modelo conveniente na historia antiga, tinhamos em compensação o exemplo recente de um paiz surgido e formado das mesmas emergencias, das mesmas circumstancias, e que, no momento da nossa independencia, já attrahia sobre si a attenção do mundo civilisado. Os Estados- Unidos da America ali estavam para nos guiar com o seu exemplo e a sua experiencia; e não era difficil abstrahir da fórma republicana para com elle aprendermos os meios de obter o elemento para nós capital — a população.

Entretanto, os nossos fundadores da patria não puderam effectuar essa abstracção: preferiram o velho e conhecido molde portu-

guez, e é desse molde que sahiu o imperio nascente, desfigurado e tropego, um verdadeiro aleijão.

O imperio trazia estampadas na fronte duas insensatas utopias ; vinha com pretensão a grande estado, sem promover população, e apresentava-se paladino do catholicismo, já então caduco, exaustivo e repudiado na Europa.

Destas duas arrancadas de patriotica vaidade, é difficil dizer-se qual a mais funesta ou a mais extravagante. Qualquer dellas era sufficiente para comprometter a estabilidade do edificio, que se suppunha poder desafiar as tormentas sociaes e as sanhas do tempo. Venturosos sonhos, felizes devaneios.

Os pios patriarchas, elaboradores da constituição, pretenderam encorrentar no regaço da egreja romana todas as futuras gerações de brazileiros. Era um mundo côr de rosa esse que se lhes antolhava no futuro : a Africa aos nossos pés ; todos os esplendores e gozos materiaes da terra affluindo ao nosso encontro ; a paz segura ; a consciencia serena ; além o céu, a immortalidade !...

Por desgraça, porém, não contaram com

toda a traiçoeira agudeza do dente do tempo, com o determinismo da evolução historica, que impiedosamente deviam reduzir a retalhos o seraphico programma e as attrahentes perspectivas.

Não foi preciso, de facto, muito tempo e todo o scenario se sombreou.

As leis naturaes, que presidem á marcha do espirito humano, seguiram indomitamente seu curso; a sociedade caminhou, impelida a principio pelas affagantes sonegações metaphysicas do deismo, e em seguida pelas concepções positivas da sciencia; o Deus concreto e pessoal da theologia, o Deus de Abrahão e de Jacob, o Deus dos nossos avós e da nossa constituição, dissolveu-se pouco a pouco e desapareceu afinal da scena mental do paiz, para ceder o logar ao Deus abstracto e impessoal da metaphysica, ao Deus dos maçons, mais conforme as exigencias da moda, Deus cavalheiro e perfeito *gentleman*. E é este o Deus que hoje governa soberano o espirito e o coração das camadas mais cultas da nossa sociedade; e é este o unico Deus, que o ensino official recommenda e proclama nas nossas academias. Nem o governo, nem o

conselho de estado, nem a principio os proprios bispos, nem padres, nem professores perceberam o gradual desaparecimento do Deus nacional do altar que os nossos avós haviam levantado no art. 5º da constituição. Todos, todos embriagaram-se na fonte deista; tudo, tudo contaminou-se, tudo transviou-se ao ponto de hoje parecer o *Syllabus*, esse codigo indispensavel do bom catholico, um livro extravagante mesmo áquelles que se apresentam como estrenuos defensores da nossa defunta constituição.

Todos, cegamente, de mãos dadas, concorreram para esse desfecho.

Desmantelou-se irremediavelmente a veneranda obra de nossos avós: solapou-se o edificio pela base; da religiosa obra não resta senão um montão de ruinas; e o art. 5º da constituição hoje apenas attesta que este paiz outr'ora foi romano. E' apenas um triste nicho vasio, uma simples reliquia archeologica, que despertará na historia a curiosidade dos nossos posterios. A fé está morta; a constituição está abrogada *de facto*, e não foi preciso a convocação de uma assembléa constituinte para epitaphear o seu passamen-

to... Foi a obra de uma simples lei natural actuando de manso, sem eleições nem parlamentos.

Em um artigo precedente, applicando os dados da philosophia positiva ao diagnostico das differentes fórmulas do pensamento religioso entre nós, procuramos demonstrar que, desde ha muito, deixamos de ser catholicos, que a grande massa do nosso povo nem mesmo christã é, e que só por um vasto systema de mystificações é que os nossos altos poderes publicos conseguem a um tempo illudir o passado, falsear o presente e trahir o futuro.

Não voltaremos mais aqui sobre a confirmação desta verdade, cujas provas superabundam, sendo facil a qualquer encontralas por toda a parte. Apontaremos apenas dous factos significativos, que resumem a nossa longa serie de mystificações e põem em relevo a pasmosa incoherencia dos nossos principaes estadistas e outros representantes officiaes do espirito da constituição.

O sr. conselheiro Paulino, que, ainda recentemente, fazendo parte do conselho do estado, deu conscienciosamente, religiosa-

mente, patrioticamente, seu honesto voto contra os acatholicos, é o mesmo homem que, quando ministro do imperio, não experimentou o menor escrupulo em adoptar officialmente para os exames da instrucção publica um pequeno livro, que tem por titulo: *SELECT PASSAGES OF PROSE AND POETRY, from Lingard, Macaulay and Milton.*

Nada temos a dizer, sob o ponto de vista puramente litterario, contra o criterio que presidiu á escolha dos diversos trechos desses tres grandes escriptores; applaudimos antes o bom gosto e o tacto do compilador.

Mas, acontece que, entre os diversos excerptos de Macaulay, encontram-se alguns com allusões taes, com taes confrontos entre o protestantismo e o catholicismo, que o mais ingenuo ou boçal examinando não pôde deixar de vexar-se da religião official do seu paiz e sentir uma irresistivel sympathia pela egreja protestante.

O nobre ministro, amante da boa litteratura, e empenhado pelo progresso mental de seus jovens patricios, esqueceu-se do ponto capital: que neste paiz a religião catholica é religião de estado, e que o nosso codigo cri-

minal pune com a pena de um a quinze mezes de ergastulo todos aquelles que dirigem ou promovem offensa á religião do estado...

Perguntaremos agora :

Quando é que o sr Paulino foi sincero? Quando adoptou o impio livrinho ou quando desfechou sua implacavel bóla negra contra os inoffensivos acatholicos, cujo crime unico é vêr claro no meio das trevas geraes?!...

E, entretanto, o sr. Paulino é um homem de bem.

Honourable are they all, diz Shakespeare pela bocca de Marco Antonio.

Os nossos bispos não sabem inglez... accrescenta a nossa atilada mocidade academica.

E é assim que se insinua a serpente sob a doce relva constitucional...

O outro facto refere-se á academia de S. Paulo. Temos aqui o tão estimavel quão catholico sr. Benevides, proprietario da cadeira de direito natural, o unico membro do corpo docente, que expõe ao seu auditorio doutrinas irreprehensivelmente constitucionaes e orthodoxas sobre jurisprudencia. E' o unico que não trahe o posto de confiança, que lhe confere a constituição.

Quereis saber o que acontece? E' mal visto pelos seus collegas, e até por seus jovens discipulos. E, ao passo que o sr. Benevidés se impopularisa, dirigindo epistolas aos gentios, exercendo escrupulosamente a sua missão evangelisadora, o bom sr. conselheiro Martim Francisco, proprietario da cadeira de direito ecclesiastico, se recommenda á popularidade academica, declarando-se abertamente em opposição aos dogmas officiaes e pedindo a separação da Igreja do Estado, o casamento civil, a elegibilidade dos acatholicos, etc., etc.

O que se passa em S. Paulo é o que se passa em todas as nossas faculdades, sem fallar na nossa eminente Escola Polytechnica, onde o ensino é francamente atheu. Em todos estes estabelecimentos de instrucção superior nem de nome se conhece a religião do estado.

Se encararmos este movimento de emancipação pelo lado da imprensa, o resultado é ainda mais surprehendente. Em primeiro logar, o que mais salta aos olhos é o insigni-

ficantissimo numero de orgams catholicos (1), entre nós, e o numero ainda mais insignificante de leitores para elles. Em segundo logar, é o desalinho dogmatico com que se apresentam em publico : dizem-se catholicos, mas é em vão que se procura nelles um só traço do estylo e do espirito do catholicismo.

Pretendem levantar a fé theologica, mas de facto só pregam doutrinas do mais puro deismo. Lançam o anathema sobre os livres pensadores, mas, entretanto, escrevem, pensam, argumentam, discutem como perfeitos deistas, e não comprehendem absolutamente que o peccado de *deismo* é perante a egreja tão irremivel como o de materialismo ou o de atheismo. E' de suspeitar-se que nenhum delles jámais leu o tratado do *Papa*, de De Maistre, ou as obras de Bossuet : de outro modo não se comprehende a indisciplina mental e o completo esquecimento das tradições ecclesiasticas, de que dão prova a cada linha, a cada phrase, a cada palavra de seus editoriaes.

(1) Em todo o imperio existem apenas quatro folhas catholicas.

E, se se quer uma ultima prova e mais esmagadora que todas, entre-se em casa de um qualquer dos actuaes campeões do ultramontanhismo e verifique-se o effectivo de sua bibliotheca: pôde-se de antemão apostar 99 contra 1 que ahi não se encontra um só dos monumentos do catholicismo: nem Santo Agostinho, nem S. Thomaz de Aquino, nem S. Bernardo, nem Thomaz A' Kempis, nem Santo Anselmo ahi figuram. Podemos asseverar com toda a segurança que, hoje, os unicos homens, que se occupam seriamente do estudo do catholicismo, são os acatholicos. Parece paradoxo, mas é a pura verdade. O chamado partido ultramontano não é mais do que um pequeno partido politico.

A instrucção, que hoje recebem os seminaristas, é de tal modo eivada de ontologia e de philosophemas espurios, que os nossos padres não pôdem comprehender o motivo nem a importancia do *Syllabus*, desse seu primeiro codigo de consciencia, ao qual não é possivel negar-se um grande valor relativo, como resumo admiravel do verdadeiro espirito da igreja e da mais pura philosophia theologica.

Mas, se esta é a nossa verdadeira situação;

se é facto publico e notorio que a religião catholica deixou effectivamente de existir para nós, para que então a conservamos hypocritamente no *papel* da constituição? Qual a vantagem de termos sido educados e de continuarmos a educar os nossos filhos neste systema de hypocrisia permanente? Qual a utilidade politica ou outra desse espantalho de religião de estado, que já não espanta mais ninguem, e que nem ao menos serviu para nos garantir contra a invasão dos castens, contra a onda crescente da prostituição?!

Sejamos francos.

Nunca é tarde para se começar a ser honesto, para se render culto á verdade e se romper com o habito da mentira. E' preciso que o estado dê o exemplo da civica lealdade e se subordine á lei commum.

Ordem e progresso.

O catholicismo official e um patriotismo feroz detiveram durante muito tempo a marcha da nossa evolução social.

O effeito da religião do estado foi para nós puramente negativo: só serviu para fazer a fortuna dos Estados-Unidos, inclinando para lá o grosso da corrente emigratoria, ao mesmo tempo que dentro do paiz esterilisava todos os germens da sciencia importada e impedia o apparecimento de um só brasileiro notavel. quer em mathematicas, quer em astronomia, quer em physica, quer em chimica, quer em biologia.

Em triste compensação, de envolta com o descabellado espirito de nativismo, imprimia na nossa litteratura um character de depravada languidez, ao mesmo tempo que preparava em politica o campo para o reinado dos pedantes.

E, cousa singular, as mais desabridas contradicções aninhavam-se perfeitamente no

intellecto da nossa geração passada e ali consorciavam-se para produzir o feticheco amor ao sólo com o estremecido amor a Christo. Em todas as espheras é notavel a tendencia para as transacções; por toda a parte nos apparecem os fructos do hybridismo, do casamento da nossa politica com o catholicismo romano.

Um illustre papa, Alexandre III, havia abolido a escravidão. Sem embargo da fé jurada, sem espinhos na consciencia, os nossos paes a restabeleceram.

A religião de Christo préga a abstenção, a desadherencia ás mundanas cousas: os nossos paes nos ensinaram a idolatrar o patrio sólo, a disputa-lo aos nossos hospedes.

O catholicismo significa universalidade, aspiração ao bem commum: nós nos concentramos, nos isolamos, nos scindimos de todo o movimento geral.

Procuramos em tudo andar a dous vehiculos. Pretendemos segurar o mundo sem perder o céu.

E' desse hybridismo impossivel que provém a exiguidade de todos os nossos successos, na litteratura e na sciencia, na industria

e nas artes, na diplomacia e na politica. E' dahi que procede esse morbido e monstruoso ideal, que nos conduziu á poetisação dos bugres, aos romances sobre bugres, ás estatuas com bugres e aos idylios aos *sabiás*. Foi bebendo nessa fonte que nos corrompemos; foi em virtude desse ponto de partida contra a natureza que todos os nossos esforços redundaram em uma pura degenerescencia dos elementos de força, que a civilisação do seculo punha á nossa disposição, e que tão vatajosamente poderíamos ter utilizado, se tivesse-mos, desde cedo, modelado a nossa mente sobre um typo mais normal e mais perfeito.

Foi um deploravel e funesto passo este que deram os nossos avós, quando, ao elaborar a constituição, não se aproveitaram do augusto exemplo da constituição norte-americana, franqueando as portas da patria a todas as nações, a todos os dogmas, a todas as opiniões.

Era então o propicio momento para recomendar o paiz nascente ao mundo civilizado, para dar-lhe por padrinho o masculino espirito do seculo, para cerca-lo de sympathias, para lança-lo na torrente das idéas geraes e deter-

minar, emfim, para as nossas plagas a torrente da emigração.

Devia saltar aos olhos que o povoamento de um tão extenso territorio, como o nosso, não podia ser a obra de um dia, mas sim de um longo seculo. Era preciso, por consequencia, que os fundadores da patria tivessem começado por lançar as bases de uma vasta e fecunda sociabilidade, atirando a mãos cheias no nosso sólo as sementes das grandes creações, concedendo, sem reserva, indistinctamente, a todos os estrangeiros a grande naturalisação, afim de que hoje, meio seculo depois da independencia, pudessem apparecer os primeiros beneficos effeitos dessas combinações salutaes.

Não o tendo feito, legaram-nos todas as difficuldades da obra, todo o amargor de uma custosa obra a começar, quando já temos contra nós o odioso resultante de um ponto de partida impolitico, o descrédito e o desdem provocados pelo nosso longo isolamento do movimento geral de todo o continente americano.

E, entretanto, quando se trata hoje de pôr mãos á obra, quando tentamos apagar uma

das mais feias maculas da nossa historia, brada o sr. Sinimbú : *ainda não é tempo ! é perigosa a incorporação dos estrangeiros...*

E, entretanto o chefe de um gabinete liberal proclama em face da historia do futuro que ainda é cedo para se fazer aquillo por onde deveramos ter começado !...

Cincoenta annos de erro, cincoenta preciosos annos de uma experiencia negativa, ainda não são sufficientes para abrir os olhos a s. exc. e chama-lo á reflexão !...

O sr. presidente do conselho julga ainda inopportuna uma medida, que a mais superficial contemplação dos interesses presentes e futuros da patria nos indica e impõe como a base irrecusavel do nosso engrandecimento, como a garantia suprema da nossa ordem e do nosso progresso, como o mais sagrado dentre os nossos mais sacrosantos deveres !

E o nosso partido liberal, silencioso e triste como uma esphinge guardiã dos sepulchros dos Pharaós, o acompanha e o apoia tacitamente, esse nosso partido liberal que subiu ao poder saudado por todos os corações generosos do paiz, aclamado por todos os espiritos elevados, que nelle viam a con-

centração de todas as idéas adeantadas, adquiridas pela evolução deste ultimo decennio!

As mais bellas e legitimas esperanças não duraram senão o espaço de uma manhã; todas as expectativas de um *Brazil novo*, de uma nova éra, desappareceram uma a uma antes do occaso da situação; e, hoje, em torno do ministerio só reina o vacuo, o mais perfeito vacuo...

Quando toda a nossa geração actual estiver deitada no tumulto, o que a historia patria se erguer insuspeita, para pronunciar seu veredicto sobre os nossos partidos contemporaneos, dirá por certo que os conservadores, na sua passagem pelo poder, traçaram um profundo e luminoso sulco sobre suas paginas, com a humanitaria lei do ventre livre. Da fiel balança historica, porém, é impossivel que não desça a concha liberal sob o peso desta medonha palavra:—Incapacidade!

Incapacidade, porque não sabem discernir o ponto essencial da situação, e reputam inopportunas todas as grandes reformas urgentemente reclamadas pelo bem do paiz;

Incapacidade, porque, collocados em con-

dições de poderem dar satisfação a todas as grandes aspirações, não permitem ao paiz pagar sua divida de honra para com o seculo e a civilisação ;

Incapacidade, porque exhaurem toda a sua energia a correr após um puro phantasma, atraz de uma miseravel refórma eleitoral, em cuja efficacia nenhum homem sensato crê, quando succedendo ao dominio que proclamou livre o ventre proletario, o mais elementar tino politico lhes impunha, como condição de existencia, a obrigação de hastearem perante o paiz uma bandeira ainda mais radical ;

Incapacidade, emfim, porque dão a essa inefficaz refórma o feticheco alcunho de *idéa-mãe*, quando, por excessiva concessão, lhe poderiamos apenas permittir o de *idéa-neta*...

A reforma do sr. Rio Branco foi profunda, justa, mas unilateral ; só se dirigiu a um dos nossos elementos ethnologicos ; só rehabilitou o sangue africano ; só reparou uma injustiça social para com uma raça.

Aos liberaes cabia a gloriosa tarefa de rehabilitar todas as raças, de nobilitar a convergencia de todos os esforços e reparar to-

das as injustiças sociaes. Era seu dever de honra apagar da nossa constituição o odioso art. 5º, esse nefando artigo, que escandalisa a consciencia moderna, nos colloca em uma condição de inferioridade mental e moral, que não merecemos, perante o conceito das outras nações, e que não symbolisa, em definitivo, senão uma colossal mentira perante todos aquelles que conhecem a fundo a verdadeira estructura do pensamento religioso entre nós.

Ordem e progresso.

Feita a parte de justiça á população africana, pago ao seculo e ao paiz pelos conservadores este tributo de humanidade, parecia que um justo estimulo partidario inspiraria ao governo liberal um fecundo sentimento de equidade, e que desse sentimento resultaria o nobre empenho de collocar sobre o mesmo pé de egualdade todas as populações estrangeiras aqui domiciliadas.

A' grande população allemã, com especialidade, era seu dever supremo dar plena e cabal reparação.

População grande e nossa amiga, raça superior a todos os respeitos, era do nosso maximo interesse attrahil-a e incorporal-a intimamente no nosso organismo politico, recebendo-a no nosso seio não com a mal cabida velleidade de reputarmos este passo como um favor a ella feito, mas com a convicção calma e reflectida de que é uma subida hon-

ra, que nos faz essa população, em aceitar a nossa nacionalidade, vinculando no sólo brasileiro seu espirito, seu coração e seu sangue—esse generoso sangue que já regou os campos do Prata em defeza desses mesmos *Dii Penates*, que hoje lhe impõem uma abjuração de consciencia como condição da barganha, em que lhe cedemos uma parte de culto ao nosso pittoresco manto imperial!

Longe disso, o sr. Sinimbú reputa perigosa a assimilação do elemento estrangeiro, temendo a preponderancia desse elemento nos futuros destinos da patria!...

No seu pensar, a grande naturalisação trará como grave e funesta consequencia, a sup-
plantação e a absorpeção total do elemento nacional pelo elemento estrangeiro.

Mas, oh! Deuses Penates! onde está esse elemento genuinamente nacional, por cujos destinos s. exc. tanto se apavora?!?

Pois, não somos filhos de portuguezss, não temos sido até aqui portuguezes, e não continuaremos ainda a sel-o por longos seculos?!

Grande e louvavel razão de ser teriam as apprehensões de s. exc., se se referissem el-

las á sorte dos tupys, dos tapuyos e dos botucudos. Esses, sim, são brasileiros puro sangue, emquanto a nossa pre-historia não mostrar o contrario.

Quanto a nós, hoje exclusivos proprietarios deste vasto territorio, não somos senão um mero prolongamento de uma pequena nação de sangue neo-latino, já bem fraca-pobre e exausta quando della nos desprendemos. E, se com tão modesta origem, temos ainda assim transportes de patriotico orgulho, é evidente que os nossos posterios, com muito mais justo fundamento, poderão se orgulhar de descenderem do tronco luzo-brazileiro, regenerado e rejuvenescido pela forte seiva allamã.

Com a emancipação do ventre proletario, de um lado, e, de outro, com a permanencia do absurdo espirito da nossa malfadada constituição, dá-se entre nós o mais singular dos phenomenos sociaes, de que jámais a historia tenha feito menção. Os filhos de ventre escravo, os descendentes de sangue cabinda ou moçambique, serão cidadãos brasileiros e gozarão em toda a sua plenitude dos direitos civis e politicoes; ao passo que os descendentes

da nobre raça germanica, ou mesmo os brazileiros natos, que não adherirem ao credo catholico, continuarão postos á margem, sem saberem precisamente a que nacionalidade pertencem, acampados apenas no paiz e não tendo outro nexu com a vida politica dos seus irmãos a não ser aquelle que lhes marca o flisco, sempre sollicito a lembrar-lhes que são materia de imposto, creaturas talhaveis e tosquiveis.

Materia de imposto—*matière corvéable*, como diziam os guindados legistas da côrte de Luiz XIV—eis a extraordinaria anomalia de uma situação feita por a nossa pia constituição a um grande grupo de cidadãos, entre os quaes se contam vultos de primeira ordem, espiritos dos mais lucidos e adeantados do paiz!

Para um monstruoso facto desta ordem não ha commentario possivel. E' bastante apon-tal-o para pôr em relevo a enormidade da cegueira e a criminosa deslealdade de todos esses homens de estado, que, no fastigio do poder, não trepidam em convulsionar o paiz inteiro, de confederação com a immoralidade, a violencia e a fraude, quando se trata de ganhar uma eleição e de imprimir no parla-

mento, sua obra, a marca da unidade de pensamento; mas, que, entretanto, em face de um grande bem a fazer e de uma iniqua injustiça a reparar, só patenteiam a habilidade da covardia sophistica, inventando mil argucias, forjando mil subtilezas, para chegarem a esta pasmosa conclusão: que a refôrma pedida é inopportuna! ..

Inopportuna! quando a refôrma pedida nada mais significa que a consagração de um principio adquirido pelo labor destes ultimos cinco seculos, principio que já circula no sangue de toda a nossa geração, que é um dogma fundamental da consciencia moderna, e cuja acceitação plena e franca importaria para nós na investidura de um logar de honra no concerto geral das nações civilisadas.

Uma gelida horripilação nos percorre os nervos ao referir que sete ministros liberaes, condensando todas as aspirações do partido liberal, dispondo da passividade da camara e do apoio discrecionario da corôa, se confessam, entretanto, impotentes para a practica do menor beneficio, e só desenvolvem força e poder para personificar o dominio do infortu-

nio, como se um novo deus *Fatum* regesse os destinos da nação !

Dir-se-hia que a fatalidade é realmente o mais poderoso dos nossos agentes políticos.

Toda a nossa historia é uma continua série de desastres. Só temos tido energia para o mal ; só temos tido fraqueza e reluctancia para o bem.

Expulsámos os hollandezes, que nos traziam a liberdade de consciencia, dogma que vale tanto como a descoberta do novo mundo ; expulsámos os francezes, que nos traziam seu genio, sua lingua e seus habitos policiados ; e continuamos ainda hoje a expellir do nosso seio, pela força brutal de uma legislação equivocada de seculo, a essa massa de estrangeiros que nos honram com sua presença, e cuja mais effectiva cooperação na gestão da cousa publica tão grandes e beneficos resultados poderia nos trazer.

Expulsamos a todo o mundo : nos privamos orgulhosamente do concurso de todas as forças de progresso, que a civilização nos offerece ; e, entretanto, pedimos humildemente, sem pejo, á Prussia que nos proteja com seus canhões Krupp contra as ameaças

dos nossos vizinhos do Prata ; pedimos á Inglaterra protestante o seu dinheiro ; pedimos aos Estados-Unidos as suas estampas—com allegorias monarchicas (!)—do nosso papel moeda ; pedimos á Belgica os seus nikels, a Portugal as suas ordenações, á França os seus livros, e á China os seus *coolies* !

Não precisamos da intervenção do elemento estrangeiro... e, entretanto, não temos sciencia, não temos artes, não temos industria, não temos uma só dessas poderosas agencias, que constituem o orgulho e o principal caracter do seculo em que vivemos !

Com todo o aprumo da vaidade ignorante um primeiro ministro nega a necessidade da assimilação do elemento estrangeiro : e, entretanto, o publico, que contempla esse grande homem, está vendo que o panno e os bordados da sua farda são de *Lyon* ; as suas elegantes botinas de *Méllié* ; as suas macias luvas de *Jouvin* ; o seu chapéu armado de *Nickmilder* ; a sua camisa bordada de *Bruxellas* ; o seu lenço da *Allemanha* ; os seus calções de *Verviers* ; e, emfim, que o proprio estylo do seu discurso vem da fabrica parlamentar do reinado de Luiz Felipe ou Carlos X !...

Na sua propria pessoa está escripta a historia antecipada da *revolução do vintem*; o seu proprio vestuario é um documento importante para a historia da nossa economia politica; é uma grande revelação para todos aquelles, que não sabem ainda que este pa'z, sem artes e sem industria, tudo importa do estrangeiro; que nestas condições os impostos indirectos são os unicos a empregar; que deste longo emprego resulta o deshabeto pelos impostos directos; e dahi o perigo, mórmente, quando ao habito rompido se ajunta qualquer outra causa de desgosto.

VII

Ordem e progresso.

E' tal a inclemencia do nosso deus *Fatum* que as nossas cousas mais sérias, os nossos mais sérios interesses estão entregues ás soluções do acaso e do infortunio.

Começamos a nossa independencia por uma farça da familia reinante, servindo-lhe de theatro o campo do Ypiranga.

Havemos de acabar enterrando a nossa independencia pela ininterrompida farça dos nossos estadistas, que, privando o paiz dos mais indispensaveis alimentos, hão de entregal-o, humilhado e vencido, nos campos do Prata ou no valle do Amazonas, á primeira turma de emprehedores que queiram se aproveitar da nossa inepecia e da nossa fraqueza.

A guerra do Paraguay teve por origem uma série de desastres da nossa diplomacia; e essa mesma guerra trouxe-nos como consequencia um desastre financeiro.

Se nos sobrevier uma nova guerra, não nos

resta outra cou-a a fazer senão cruzar os braços e nos rendermos á discreição.

Não podemos contar mais hoje com o apoio decisivo do Rio Grande, cujas disposições de animo nos poderão ser antes fataes. O coração dessa nobre provincia já não nos pertence: nós alienamos suas sympathias; e nesses bravos peitos de guerreiros sangra hoje dolorosa a ferida que ahí traçou a intriga liberal. Fomos ingratos, fomos ineptos, e os rio-grandenses hoje nos medem do alto da sua altivez com toda a razão offendida.

Não podemos mais contar com o enthusiasmo intenso, que fez surgir da terra myriades de jovens heróes, que foram derramar seu generoso sangue nos chacos do Paraguay.

Esse enthusiasmo não se renovará mais!

Por outro lado, ao passo que as nossas provincias do norte se empobrecem e se liquidam, como quem só procura desfructar a ultima hora da vida, sem esperanza do dia seguinte, a Columbia cogita uma revisão de fronteiras e os norte-americanos fundam nas margens do Amazonas solidos estabelecimentos commerciaes, magnifico e certo

ponto de partida para um futuro golpe de mão.

O exemplo da India Inglesa é tentador.

E, aqui como acolá, a unica resistencia a encontrar é a que vem do nosso longo passado de incuria e de imprevisão.

E, digamol-o sem rebuço e sem receio da pecha de impatriotismo, esse prospecto de uma futura dominação americana não nos assusta, antes a saudamos de pleno coração.

Se temos sido até aqui reconhecidamente incapazes de utilizar os grandes dotes, que a natureza derramou em profusão no nosso sólo, tenhamos ao menos a coragem de, em nome do futuro e da humanidade em geral, entregar esses dotes a mais habeis mãos que os possam aproveitar.

Em definitiva, a questão se resume em saber; se devemos preferir a subjeição pela força, depois de consummada a humilhação, ou se devemos desde já procurar conjurar o desastre do amor proprio, encaminhando em vantagem da patria a corrente da força invasora, assimilando-a, modelando-a, fusionando-a no idéal de um interesse commum.

Emquanto governo, parlamento e conselho

de estado dormem e sonham venturas, tranquilos e seguros da protecção da Divina Providencia, é preciso que se saiba claramente que este vasto imperio tende a cahir por seu proprio peso, desmembrado ao norte, esphacelado ao sul e mutilado ao poente. A geração actual não verá provavelmente este desfecho, mas os nossos netos o verão com certeza. Estamos entregues aos azares da luta pela existencia : a lei suprema d'esta luta é que os mais fracos cedem o campo aos mais fortes.

Nós somos os mais fracos : teremos de succumbir totalmente ou teremos de transigir com o nativismo, proclamando a grande naturalisação como a medida salvadora.

O nosso papel de estado tem sido até aqui o de um fazendeiro vaidoso, sonhador e parvo, que, possuindo immensas terras, mas endividado até os ossos, não tem a coragem de uma amputação honrosa, cedendo-as á parceria ou vendendo dellas uma parte, para pagar suas dividas e reaver sua independencia.

Para o caso do fazendeiro, o desfecho é a penhora : para o do estado, será a annexação.

Em ambos os casos, a causa da ruina é a inepcia.

Para o que nos tem servido a posse de tão extenso territorio? Quanto nos custa a provincia de Matto Grosso, por exemplo? Qual a compensação proxima ou remota que dahi se espera? Não é precisamente desta enorme *grandeza* que provém a nossa fraqueza? Como poderão ser bastante fortes os laços sociais entre populações tão remotas, tão extranhas umas ás outras? Qual o brasileiro em quem o patriotismo já foi assaz energico para movel-o a visitar todas as provincias do seu paiz?! E não seria muito mais moral e justo que tanta terra desoccupada estivesse entregue a uma activa exploração, para o grande bem da humanidade?

O sr. Sinimbú teve, um dia, um raio de divino bom senso.

Foi quando procurou refrear a desbragada soffreguidão dos seus correligionarios do Norte pela viação ferrea do remoto interior.

S. exc. demonstrou, então, com profundo discernimento, a insensatez desses projectos de internação, em busca de mesquinhas populações disseminadas, e procurou conven-

cer aos nobres deputados que haveria antes vantagem *em remover as populações do interior para o littoral*, unica região por emquanto apta para a locomoção a vapor.

E' a unica boa verdade que produziu o gabinete 5 de Janeiro .

Mas, porque não levou s. exc. o seu raciocinio ás ultimas consequencias, e não demonstrou ao mesmo tempo a colossal insensatez da politica inaugurada por nossos patriarchas e seguida piamente por todos os successivos governos, inclusivè o 5 de Janeiro, e tendente toda ella a pôr em pratica os meios mais proprios para embargar a immigração ?!

O seu discurso desse dia memoravel é dos que vão para o Pantheon da-nossa historia : nelle está implicitamente contida uma inconsciente, mas solemne confissão : é que possuímos um immenso territorio, mas... nos falta capacidade para promover sua occupação !...

Em outros termos, o governo apalpa o mal : mas, em vez de applicar-lhe o unico remedio efficaz, que a sciencia indica, refugia-se em

um desolador *Non possumus!*—*Sed quia non possumus?*!

E' do *statu quo* que depende a sorte da monarchia?

Se assim é o dever e a honra exigem que a monarchia se immole pela salvação da patria. Não pôde haver patria grande e forte sem a grande naturalisação.

.....

Terminamos por hoje aqui este trabalho. O leitor terá notado que não levantamos da questão senão o seu lado puramente moral; não invocamos senão a justiça social, e deixamos completamente na sombra a consideração das vantagens materiaes.

Ao terminar pedimos que cada um concorra com o tributo de sua reflexão para preencher as lacunas de uma tão rapida exposição. Jacarehy, 8 de Fevereiro de 1880.
